

# EUCLIDES DA CUNHA, MANOEL BONFIM

## e a Complexidade do Século XX

AMANDA BASTOS DA SILVA\*

### RESUMO

O artigo se estrutura em torno das questões referentes a Euclides da Cunha e Manoel Bonfim, propõe-se a contribuir aos estudos relacionados à intelectualidade e às percepções desses indivíduos a respeito do Brasil de seu tempo. Além disso, destaca a influência de ambos em períodos e cenários posteriores, como o Cinema Novo e o filme *Deus e o diabo na terra do sol*.

**Palavras-chave:** República; Intelectuais; mestiçagem.

### ABSTRACT

The article is structured around the questions related to Euclides da Cunha and Manoel Bonfim, it is proposed to contribute to the studies concerning the intellectuality and the perceptions of these individuals regarding the Brazil of their time. In addition, it highlights the influence of both in later periods and scenarios, such as Cinema Novo and the movie *Deus e o diabo na terra do sol*.

**Keywords:** Republic; Intellectuals; Miscegenation.

\*Mestrado em História Contemporânea I pela UFF.  
E-mail: amaandabastos@gmail.com e abastos92@yahoo.com.br

---

---

## Introdução

Euclides da Cunha e Manoel Bonfim são figuras interessantes. Nascidos na segunda metade do século XIX, ambos não se desligaram dos aspectos de seu tempo. Formaram-se em profissões típicas dos intelectuais da época, Engenharia e Medicina respectivamente, defenderam o cientificismo e estavam a par das discussões sobre a república e o abolicionismo, os dois recém-estabelecidos.

No entanto, Euclides e Bonfim surgem como vozes dissonantes. Afinal, ainda que possuíssem estas formações acadêmicas, elas não foram exercidas por muito tempo. Por mais que estivessem ao lado do cientificismo, questionaram a forma como ele se desenvolveu no Brasil e o modelo de *belle époque* aqui existente. Côncios das teorias de embranquecimento e de crítica à mestiçagem, Euclides da Cunha e Manoel Bonfim não hesitaram em apresentar pontos de vista diferentes do senso comum.

A análise das ideias propostas permite compreender as mudanças na historiografia, as questões referentes à república recém-implantada e os trabalhos artísticos relacionados ao pensamento desses dois autores – analisaremos o Cinema Novo e o filme *Deus e o diabo na terra do sol*.

## Os Intelectuais

Estruturar quem são esses indivíduos, quais os seus pontos de vista, aspirações e contradições, não é tarefa fácil. O processo se tornou mais laborioso com a perda de crédito sofrida, durante algum tempo, pela história política<sup>1</sup>.

Fundada no século XIX, a história metódica manteve-se no auge durante as três primeiras décadas do século XX e privilegiou o estudo do político. No entanto, as críticas a esse modelo cresciam constantemente. Condenavam-na por focar em grandes eventos e batalhas, na história de figuras heroicas e na formação do Estado-Nacional. Febvre comentava: “A História historicizante exige pouco. Muito pouco. Demasiadamente pouco a meu ver, e na opinião de muitos outros além de mim”<sup>2</sup>. O ápice desses questionamentos emergiu com o modelo da *école des Annales*, fundado em 1929, na França, que se tornou dominante na historiografia. Os *Annales* passaram a preferir a história econômico-social; ligada à longa duração, às estruturas e às massas<sup>3</sup>.

Jean Sirinelli<sup>4</sup> comenta que esse processo de desconfiança frente ao historiador político afetou a estruturação da história dos intelectuais. Sirinelli afirma que “setores como os dos intelectuais, ainda não se haviam constituído quando chegou a hora do descrédito, o enxerto num tronco - aparentemente - atrofiado não pôde ser feito”<sup>5</sup>. Sirinelli ressalta ainda que havia a dificuldade em definir quem eram os intelectuais, embora eles prevalecessem no grupo das elites e não das massas, e estruturar as suas análises,

---

1 BARROS, José D' Assunção. “História política: dos objetos tradicionais ao estudo dos micropoderes, do discurso ao imaginário”, *Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína*, Tocantins, v. 1, 2015, p.1-26.

2 FEBVRE, Lucien. *Combates da história*. Paris: A. Colin, 1953, p.114-118.

3 CAIRE-JABINET, Marie-Paule. *Introdução à Historiografia*. São Paulo: EDUSC, 2003, p.118.

4 SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. (org.). *Por uma história Política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

5 *Idem*, p.233-234.

repletas de ideologias, em que o pesquisador, também um intelectual, relacionava-se<sup>6</sup>.

A partir de 1950, esse cenário toma novas proporções. Indivíduos como René Rémond, Serge Berstein e Jean Sirinelli, ligados pela *Fondation Nationale des Sciences Politiques* e pela Universidade de Paris X-Nanterre, decidiram se dedicar à história política<sup>7</sup>. Esses historiadores fizeram panoramas acerca da trajetória da história política na França desde o seu apogeu, no século XIX, passando pelo momento de decadência, até a reafirmação, a partir da década de 1980, quando assuntos ligados ao político voltaram a receber maior destaque.

Durante a década de 1990, o termo cultura política ganhou amplitude<sup>8</sup>. Era imprescindível desvincular a ideia de que a história política limitava-se à história factual e militante, focada em grandes homens e organizações. O político passou a estar cada vez mais ligado às ciências humanas, sociais e aos caminhos abertos pela história cultural. Desejava-se, ainda, não fazer da cultura política um mero conjunto de ideologias ou tradições.

Era indispensável considerar o caráter plural das culturas políticas, sem definir uma noção global sobre o tema, mas um conjunto coerente, em que os elementos estivessem relacionados. A análise dos intelectuais pôde se desenvolver e ganhar força, de modo que os estudos de indivíduos como Manoel Bonfim e Euclides da Cunha atingiram vasta amplitude e possibilidades diversas.

### O contexto Histórico de Manoel Bonfim e Euclides da Cunha

Manoel Bonfim e Euclides da Cunha são nomes importantes para a historiografia brasileira. Ambos nasceram na segunda metade do século XIX; período em que o Brasil passou por inúmeras mudanças. A república fora recém-estabelecida e aspectos sociais, políticos e econômicos estavam sendo redefinidos.

Nessa conjuntura, os intelectuais do período ressaltavam a necessidade de atualizar o Brasil para um modelo considerado comum aos países civilizados. Tratava-se de um projeto denso, de intensa transformação social, a fim de tornar o Brasil compatível aos ditos novos tempos<sup>9</sup>. A historiadora Simone Kropf comenta que a república, para muitos, representava o novo, o caminho para uma nação moderna e atrelada aos ideais de progresso e civilização<sup>10</sup>.

Esse pensamento era o que estava em pauta na chamada “Geração de 1870”. Embasada em diversos ideais, como os abolicionistas e republicanos, eles condenavam o atraso do império e enfatizavam a necessidade de mudanças. Era importante apagar o passado obscuro do país e abrir caminhos para um futuro regenerador. Esses intelectuais caracterizavam-se como os porta-vozes dessa transformação e os principais agentes de sua concretização<sup>11</sup>.

Durante o processo, o saber científico era exaltado como fonte segura para as intervenções transformadoras. Nicolau Sevcenko destaca que “uma ciência sobre o Brasil

6 *Idem*, p.235.

7 REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

8 BERSTEIN, Serge. “A cultura política”. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

9 CHALHOUB, Sidney. *Cortiços. Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.5-59.

10 KROPF, SIMONE. “Manoel Bonfim e Euclides da Cunha: vozes dissonantes aos horizontes do progresso”, *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, vol. 3, 1996, p.80-98.

11 ALONSO, Ângela. *Ideias em Movimento: a Geração 1870 na Crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

---

---

seria a única maneira de garantir uma gestão lúcida e eficiente de seu destino. Desacreditadas as elites tradicionais, só a ciência — e seus portadores — poderia dar legitimidade ao poder<sup>12</sup>. Já Lília Schwarcz comenta que os intelectuais viam a ciência como uma espécie de sacerdócio e que “os espaços científicos dos quais participavam lhes davam legitimidade para discutir e apontar os impasses e perspectivas que se apresentavam para o país”<sup>13</sup>.

São esses aspectos que estruturaram a chamada *Belle Époque* brasileira, em que o centro das mudanças estava no Rio de Janeiro. Ser a capital não era suficiente, era preciso parecer com uma capital, uma capital europeia. Datam de 1860/70 as primeiras solicitações de obras para a remodelação da cidade e surgiam na Câmara Municipal projetos que visavam impedir a disseminação dos cortiços, além do desejo de padronizá-los e de corrigir as suas imperfeições<sup>14</sup>.

Nessa conjuntura, Euclides da Cunha e Manoel Bonfim eram nomes de extrema importância. Ambos defendiam o princípio de transformar o Brasil para o progresso. No entanto, expressavam-se de forma crítica e até mesmo contestatória aos modelos civilizatórios vigentes.

## Euclides da Cunha

Euclides da Cunha nasceu em Cantagalo, Rio de Janeiro, em 1866. Walnice Galvão<sup>15</sup> caracteriza-o como típico fruto da escola militar, na qual ingressou em 1885. Na instituição, teve aulas com Benjamin Constant e dedicou-se às questões de seu tempo, por exemplo, a proclamação da república e a abolição da escravatura.

Apesar de *Os Sertões* ser considerado uma obra-prima da literatura brasileira, a obra de Euclides da Cunha não é extensa<sup>16</sup>. Além desse livro possui ensaios e estudos históricos e literários, escritos para a imprensa. O conteúdo dos textos é variado, com temáticas amplas, ainda que no geral tocassem na questão da nacionalidade e na situação em que o país se encontrava.

Os principais aspectos que estão ao redor da figura de Euclides da Cunha são a Guerra de Canudos e o resultado de sua ida ao Arraial: o livro *Os Sertões*. Walnice Galvão comenta que Euclides era enviado especial do jornal *A província de São Paulo* – hoje *O Estado de São Paulo*. A guerra foi de muito impacto e possuiu grande cobertura jornalística em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia<sup>17</sup>. Galvão destaca que o jornal era o principal meio de comunicação da época e a figura do enviado especial uma novidade, que deveria ser bem aproveitada. A maioria deles era militar. Alguns, combatentes<sup>18</sup>.

Ao chegarem à Bahia, a visão de mundo que haviam adquirido sobre o sertão e os

---

12 SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

13 SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

14 ENGEL, Magali Gouveia. “Os intelectuais, as habitações populares e as políticas públicas na capital republicana (fins do século XIX e inícios do XX).” In: ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Letícia & SANTOS, Ricardo Augusto dos (Org.). *Os intelectuais e a cidade (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012, p.125-150.

15 GALVÃO, Walnice Nogueira. “Euclides da Cunha. Os Sertões”. In: MOTA, Lourenço Dantas. (org.) *Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1999.

16 KROPF, op.cit., p.5.

17 GALVÃO, op. cit., p.154.

18 *Idem, ibidem*.

seus moradores era repleta de preconceitos. Desqualificavam a terra e aqueles que estavam relacionados a ela. O sertão ligava-se à *barbárie* e não é possível afirmar que o pensamento de Euclides, ou de outros intelectuais no momento em que chegaram ao Arraial, divergia disso. Afinal, estavam incumbidos de narrar as atrocidades da região para os grupos recém-republicanos, ditos civilizados<sup>19</sup>.

Os *sertões* rapidamente se tornou um sucesso e entre 1902 e 1909, ano da morte de Euclides, já havia três edições publicadas. Em 1966, a editora Aguilar contabilizava 800 artigos sobre Euclides da Cunha<sup>20</sup>. O livro se inicia destacando o planalto central, região em que se encontra Canudos.

O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas. Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior<sup>21</sup>.

Ricardo de Oliveira comenta que por mais que Euclides da Cunha negasse, fica a ideia de um descobridor com a sua descoberta<sup>22</sup>. Cunha, pioneiro em um discurso politicamente correto, sonhava com um sertão verde e exuberante, como ressalta em passagens do livro.

Nesse contexto, Euclides da Cunha precisa lidar com alguns desafios. Tem, por exemplo, que superar o determinismo biológico, amplamente difundido na época. O cientificismo racial emergiu na Europa ao longo do século XIX. No final do século, essas ideias chegaram ao Brasil; um país escravocrata, essencialmente colonial, economicamente frágil e politicamente instável. Os intelectuais interessados analisaram a questão, refutaram o que não encaixava ao modelo brasileiro e adaptaram o que poderia vingar<sup>23</sup>. A miscigenação não era uniforme e gerava múltiplas combinações, às quais Euclides da Cunha considerava, na maioria dos casos, prejudicial e retrocedora<sup>24</sup>.

Todavia, o autor distingue as mestiçagens e separa os mestiços do litoral, dos mestiços do sertão. Para Euclides, os mestiços do sertão são superiores aos do litoral, considerados degenerados, fracos e destinados ao desaparecimento. Os mestiços do sertão, por sua vez, adquiriram características próprias, diferenciadas e positivas. Euclides da Cunha comenta que apesar da aparência cansada, desgastada, “o sertanejo é antes de tudo um forte”<sup>25</sup>, vivia em condições adversas, em meio à seca, mas sabia lidar com essas questões, não se apavorava, transfigurava-se de acordo com o que fosse exigido.

Ainda sobre o sertanejo, Euclides da Cunha comenta que a sua religião se assemelha a ele, complexa, mestiça, bonita de observar. “Quem vê a família sertaneja, ao cair da noite, ante o oratório tosco ou registro paupérrimo, à meia luz das candeias de azeite, orando pelas almas dos mortos queridos, ou procurando alentos à vida tormentosa, encanta-se.”<sup>26</sup>

19 OLIVEIRA, Ricardo. “Euclides da Cunha - Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo”, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, nº 44, 2002, p.511-537.

20 REZENDE, Maria José de. *Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil*. São Paulo: USP, p.201.

21 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Nova Fonteira, 2016.

22 OLIVEIRA, *op.cit.*, p.522.

23 TAMANO, Luana Tiekio Omena *et al.* “O cientificismo das teorias raciais em O cortiço e Canaã”, *História, Ciências, Saúde - Mangueiras*, Rio de Janeiro, v.18, n.3, jul.-set. 2011, p.759.

24 CUNHA, *op.cit.*, p.158.

25 *Idem*, p.17.

26 *Idem*, p.60.

---

---

Nesse contexto, a figura de Antonio Vicente Mendes Maciel, o Antonio Conselheiro, merece destaque. Como não era padre, pregava sempre no adro das igrejas e não administrava sacramentos. Além disso, cumpria votos de penitência, que significavam constantes açoites e a construção de igrejas, cemitérios e açudes<sup>27</sup>. Em dado momento, a igreja, que há algum tempo não via as suas atitudes com bons olhos, começou a investigar sobre o que acontecia no arraial de Canudos.

Walnice Galvão analisa que os primeiros religiosos que foram ao local encontraram um grupo hostil e bem armado, desinteressado em ouvir o que a igreja tinha a dizer. Tiveram que sair do local às pressas, côncios de que não seria fácil findar o que estava acontecendo<sup>28</sup>.

As expedições para aniquilar o arraial começaram em 1896<sup>29</sup>. As duas primeiras foram facilmente derrotadas, de modo que a terceira expedição, comandada pelo coronel Moreira César, foi mais bem preparada<sup>30</sup>. Grande parte da população possuía consciência do que estava acontecendo em Canudos e muitos consideravam caso de calamidade nacional. A quarta expedição foi a última. Contou com um marechal, Machado Bittencourt, e partiu para o arraial em 1897. A população de Canudos também estava preparada. No entanto, após intensa luta, casas incendiadas e a morte do Conselheiro, o arraial chegou ao fim<sup>31</sup>.

Com o final da guerra, a opinião pública mudou. Ficou nítido que os canudenses não eram conspiradores e monarquistas. Rui Barbosa, por exemplo, chamou o povo de Canudos de “meus clientes” e prometeu *habeas corpus* a eles, mesmo depois de mortos<sup>32</sup>. Já Euclides da Cunha, se chegou ao Arraial de Canudos como apenas um repórter, com uma visão do conflito semelhante aos demais, a vivência da guerra transformou o escritor e fez de *Os sertões* uma obra defensora dos sertanejos e da memória do povo de canudos.

## Manoel Bonfim

Manoel Bonfim nasceu em Aracaju, Sergipe, em 1868. Formou-se médico, mas abandonou a profissão após a morte da filha. A mudança de rumo fez com que se dedicasse a outros temas, por exemplo, a educação<sup>33</sup>. Eleito deputado federal em 1907, por Sergipe, centrou a maioria de suas pautas na área do ensino, especificamente na escola primária e nos cursos normais<sup>34</sup>. Para Bonfim, a educação era de extrema importância e através dela seria possível compreender o Brasil e as questões histórico-sociais de sua estrutura.

Manoel Bonfim possui uma obra extensa e diversificada, mas o seu livro mais conhecido é *América Latina – males de origem*, publicado em 1905. O texto começou a ser escrito em 1903, enquanto estagiava no laboratório de Alfred Binet, em Paris, e foi concluído no ano seguinte, já no Rio de Janeiro<sup>35</sup>. Nessa obra, Bonfim mostra a sua consciência

---

27 GALVÃO, *op.cit.*, p.163.

28 *Idem*, p.161.

29 VENTURA, Roberto. “Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na *urbs* monstruosa”, *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, vol. 40, nº1, 1997, p.165-182.

30 CUNHA, *op.cit.*, p.241.

31 VENTURA, *op.cit.*, p.4.

32 GALVÃO, *op.cit.*, p.166.

33 PRIORI, Ângelo. “A utopia de Manoel Bonfim”, *Revista espaço acadêmico*, São Paulo, vol. 96, 2009, p.1.

34 BOTELHO, André. “Manoel Bonfim: um percurso da cidadania no Brasil” In: SCHWARCZ, Lília (org). *Um enigma chamado Brasil. 29 países e um intérprete*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.122.

35 SANTOS, Analice Alves. “A formação da nação brasileira segundo Manoel Bonfim e Silvio Romero: debates acerca dos meios e caminhos para a civilização”, *Núcleo de pesquisas sobre Estado e poder no Brasil*. Rio de

continental e fala não apenas como brasileiro, mas como membro da América Latina<sup>36</sup>.

Desde a segunda metade do século XIX, predominavam teorias que diminuía os povos mestiços e consideravam o clima tropical e a localização da América Latina motivos para o atraso do continente. Muitos desses pensamentos foram reinterpretados de ideias europeias, como o positivismo de Comte, o evolucionismo de Spencer e o transformismo de Darwin<sup>37</sup>.

No Brasil, intelectuais como Nina Rodrigues acreditavam que por esses motivos os povos estavam fadados ao fracasso. Nina Rodrigues, no artigo “Mestiçagem, degenerescência e crime”<sup>38</sup>, escrito em francês em 1899, defendia que o cruzamento de raças diferentes gerava, inevitavelmente, pessoas degeneradas. Bonfim seguiu por outro viés. O autor sublinha que esses preconceitos se deviam ao desconhecimento que os intelectuais de sua época tinham a respeito da América Latina.

Rebeca Gontijo comenta que *Males de origem* pode ser pensado como uma crítica à historiografia sobre a América Latina até aquele momento<sup>39</sup>. Já Analice Santos insere Bonfim em um contexto denominado “Retratos do Brasil” em que os intelectuais encontravam no passado elementos que configuram o presente e que formarão o futuro<sup>40</sup>.

O resultado é uma escrita apaixonada e ao mesmo tempo crítica, combativa. A fim de corroborar a sua tese, o autor lança mão dos seus conhecimentos em medicina e faz uso da zoologia para explicar os problemas sócio-históricos através dela. Bonfim condenava o “parasitismo” existente na América Latina, fruto da exploração de Portugal e Espanha.

O parasita seria aquele que não trabalha e nem produz, que vive do esforço de terceiros. Na América Latina, esse processo se consolidou com o regime de exploração adotado pela Europa, em que o escravo desempenhou todas as funções possíveis nas colônias. Eram carpinteiros, ferreiros, pedreiros, alfaiates, sapateiros...<sup>41</sup> A consequência é a degeneração social tanto do parasita, quanto do parasitado; a decadência em todos os âmbitos da sociedade.

Nesse formato, Manoel Bonfim considera os impactos econômicos como os mais sensíveis. O autor afirma que os europeus desejavam recolher todas as riquezas. Naturalmente, a retirada desses produtos implicou na exploração dos nativos e na destruição da essência que eles possuíam. “Aqui chegando, eles encontraram impérios constituídos, populosos, civilizações vivazes; e, para se apoderarem de alguns carregamentos de ouro, destruíram tudo, tudo.”<sup>42</sup>

A fim de consolidar essa exploração, Manoel Bonfim ressalta que foi construída uma máquina administrativa; escravizaram os nativos e retiraram toda a riqueza que puderam de suas colônias<sup>43</sup>. Nesse contexto, o número de exploradores é imenso. Existiam aventureiros, caçadores de índios, negociantes de escravos, mercadores dispostos a tudo para conseguir lucro pessoal<sup>44</sup>.

Para Manoel Bonfim, a consequência desse processo é uma sociedade conservadora, repleta de vícios e pouco propícia à mudança. Escravizaram-se à rotina e à tradição, reagiam

Janeiro, vol. 1, 2012, p.1-10.

36 BONFIM, Manoel. *América Latina: males de origem, 1903*. São Paulo: Editora TopBooks, 2005, p.5.

37 PRIORI, *op.cit.*, p.1

38 RODRIGUES, Nina. “Mestiçagem, degenerescência e crime”, *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, vol. 15, núm. 4, 2008, p.1151-1181.

39 GONTIJO, Rebeca. “Manoel Bonfim, “pensador da História” na Primeira República”, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, nº 45, 2003, p.129-154.

40 SANTOS, *op.cit.*, p.4.

41 BONFIM, *op.cit.*, p.148.

42 *Idem*, p.87.

43 *Idem*, 89.

44 *Idem*, p.104.

---

---

apenas para mostrarem-se contrários às inovações. São grupos complexos, heterogêneos e muito instáveis<sup>45</sup>. Trata-se de uma vida difícil, repleta de lutas, que começou quando “o primeiro aventureiro pisou a América, e ainda não cessou”<sup>46</sup>.

Todavia, apesar de tantos problemas, Manoel Bonfim acredita que possa existir uma solução para esses males e ela viria com a educação. Sob essa perspectiva, ocorreria a redenção do povo brasileiro. No entanto, em uma sociedade excludente como o Brasil, a população como um todo só teria acesso ao ensino através da revolução<sup>47</sup>. Em obras posteriores a *Males de origem*, Bonfim se dedica com afinco a tratar sobre o tema.

## As vozes dissonantes de Manoel Bonfim e Euclides da Cunha

Manoel Bonfim e Euclides da Cunha foram contemporâneos e, naturalmente, compartilharam muitas das impressões de seu tempo. Ambos faziam uso de teorias deterministas e estavam a par dos projetos civilizatórios. Ainda que não fossem contrários a essas questões, eles se mostraram dissonantes à forma como o progresso estava sendo construído e levantaram importantes aspectos a serem debatidos.

A viagem de Euclides da Cunha a Canudos causou profundos impactos ao autor. Gilberto Freyre sublinha que Euclides da Cunha compôs um grande quadro sobre o Brasil, distanciado do senso comum e principalmente marcado por distorções, contrastes e confrontos<sup>48</sup>. Por sua vez, Bonfim ressalta a importância da América Latina e de seu povo. A sua postura controversa fez com que ele fosse de encontro ao pensamento vigente e construísse um contra-discurso<sup>49</sup>. Antonio Cândido, por exemplo, trata Manoel Bonfim como um dos pensadores mais radicais do século XIX<sup>50</sup>.

Euclides da Cunha era engenheiro, Manoel Bonfim, médico. Os dois escolheram profissões de destaque no período, especialmente com as obras de saneamento que estavam ocorrendo. Os engenheiros surgiam como principais agentes das obras modernizadoras do país ao passo que os médicos se pautavam nas questões higienistas e estavam decididos a sanear as condições físicas e morais do povo<sup>51</sup>. Nesse contexto, tanto os estudos de Bonfim, como os de Euclides da Cunha focam na importância do conhecimento científico. Para os dois essa seria a base que legitimava as teorias e formulações a serem desenvolvidas.

Euclides da Cunha constrói uma obra científica sobre as condições físicas e sociais do arraial de Canudos. Já na nota preliminar, Euclides da Cunha sublinha a importância do progresso, da civilização e da ciência no século XIX. A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável “força motriz da História” que Gumpłowicz, maior do que Hobbes lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes<sup>52</sup>. Todavia, esse mesmo Euclides conclui a sua obra enfatizando

---

45 *Idem*, p.34.

46 *Idem*, p.107.

47 BONFIM, Manoel. *Cultura e educação do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1932.

48 FREYRE, Gilberto. “Euclides da Cunha, revelador da realidade brasileira.” In: *Euclides. Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p.17-32.

49 BONFIM, *op.cit.*, p.59.

50 CANDIDO, Antônio. “Radicalismos”. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1997, p. 265-269.

51 ENGEL, *op.cit.*, p.125-150.

52 CUNHA, *op.cit.*, p.1

os dilemas do Brasil e a dificuldade em trabalhar com esquemas deterministas<sup>53</sup>.

Bonfim lança mão dos conceitos das ciências biológicas para explicar as questões sociais. Flora Sussekind e Roberto Ventura comentam que não ocorre uma correspondência direta entre fenômenos biológicos e sociais, mas uma associação metafórica, mais complexa que um mero paralelismo<sup>54</sup>.

No entanto, apesar de ligados ao cientificismo, Manoel Bonfim e Euclides da Cunha se opunham ao otimismo da *belle époque*<sup>55</sup>. Em diversos momentos, os dois mostraram uma análise crítica e até mesmo pessimista a respeito das decisões que eram tomadas. Brito Broca sublinha que em uma época em que “todo mundo delirava por Paris”<sup>56</sup> Euclides da Cunha colocava-se em posição contrária. Após conviver com os sertanejos de Canudos, Euclides passou ainda a questionar a forma como estava sendo construída a república.

Manoel Bonfim também apresentava as suas divergências. Bonfim criticou o imperialismo norte-americano no momento em que a ideologia possuía enorme influência. A doutrina Monroe pregava a não intervenção da Europa na América e a corrente pan-americana contava com nomes importantes como Joaquim Nabuco e Rui Barbosa. Todavia, para Bonfim isso significava apenas uma forma de os Estados Unidos afastarem os países europeus para eles próprios explorarem o resto da América<sup>57</sup>.

Com relação ao Brasil, Bonfim contrapunha-se à ideia de que a República havia inserido o país na modernidade. Para ele, o desenvolvimento material não bastava porque fazia com que a sociedade permanecesse dependente, ligada a uma estrutura parasitária e pouco aberta a mudanças.

Tal regime será o de uma nação?... Uma nação é um organismo completo, bastando-se a si mesmo. Só os povos que chegam à emancipação econômica e industrial podem dizer que possuem independência política. Não é o nosso caso — a nação, eternamente ignorante e colonial, eternamente explorada pela avidez europeia. Economicamente, não há diferença entre o Brasil de 1800 e o de hoje. Era uma colônia vassala; é hoje uma colônia independente<sup>58</sup>.

Sobre a mestiçagem, Euclides da Cunha apresentava um ponto de vista contrário ao assunto. Para ele a mistura de raças era prejudicial. No entanto, os sertanejos eram um caso à parte. Eles ficaram afastados das influências negativas das civilizações do litoral. Por isso, apresentavam as condições físicas e psicológicas favoráveis para construir uma civilização autêntica, muito superior à situação em que se encontravam os demais mestiços<sup>59</sup>.

Todavia, não é fácil definir quem eram esses sertanejos. Euclides da Cunha constrói uma imagem ambígua dos mestiços<sup>60</sup>. Os sertanejos oscilavam entre força e fragilidade, heroísmo e monstrosidade. No entanto, ao seguir por esse caminho, Euclides da Cunha subverte as teses científicas que negavam qualquer possibilidade de avaliação positiva sobre a mistura das raças.

Bonfim é mais radical. Ele enfatizava que a miscigenação não era negativa. Segundo

53 BOTELHO, André. “Manoel Bonfim: um percurso da cidadania no Brasil” In: SCHWARCZ, Lília (org). *Um enigma chamado Brasil. 29 países e um intérprete*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.108.

54 SUSSEKID, Flora. VENTURA, Roberto. *Uma teoria biológica de mais valia?* Rio de Janeiro: PUC, 1971, p.30.

55 KROPF, *op.cit.*, p.87.

56 BROCA, Brito. *Vida Literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975, p.99-101.

57 CÂNDIDO, *op.cit.*, p.287.

58 BONFIM, *op.cit.*, p.130.

59 GALVÃO, *op.cit.*, p.162.

60 SCHWARCZ, *op.cit.*, p.108.

---

---

o autor, índios e negros, por serem povos mais simples, não possuíam características significativas para afetarem as outras culturas<sup>61</sup>. Dessa forma, o que aconteceu é que eles foram influenciados pelos europeus. Ao assumir essa postura, Bonfim passou a questionar a superioridade racial e afirmar que essa ideia foi criada para atender aos interesses dos Estados Unidos e da Europa de dominar a América Latina. Nesse contexto, o autor afirma que “tal teoria não passa de um sofisma abjeto do egoísmo humano, hipocritamente mascarado de ciência barata, e covardemente aplicado à exploração dos fracos pelos fortes”<sup>62</sup>.

Em suma, ao analisarmos a obra de Euclides da Cunha, percebemos que o intelectual se divide entre o lado dos oprimidos e a postura do engenheiro militar, preocupado com o progresso e a modernização do Brasil. Bonfim, por sua vez, consegue expressar maior descontinuidade entre o discurso vigente e os seus princípios. Essa mudança básica o diferencia de Euclides da Cunha, também uma voz dissonante, mas que não faz uma ruptura clara e consciente com a ordem que estava em voga<sup>63</sup>.

### A contribuição do cinema

Os assuntos debatidos por Euclides da Cunha e Manoel Bonfim não perderam a importância. Influenciados por esses intelectuais e pelos aspectos que seguiram aos seus pensamentos, as discussões continuaram frequentes e se associaram às artes, literatura e cinema. A seguir, analisaremos o contributo do Cinema Novo à questão, em contexto de Ditadura Civil Militar, e enfoque ao trabalho de Glauber Rocha em *Deus e o diabo na terra do sol*.

O Cinema Novo ambicionava renovar as temáticas dos filmes nacionais. O projeto surgiu em 1952, durante o *I Congresso Paulista de Cinema Brasileiro* e o *I Congresso Nacional de Cinema Brasileiro*. Os cineastas engajados se inspiraram no neorealismo italiano e na *Nouvelle Vague* francesa a fim de se afastar do cinema *mainstream* hollywoodiano. Almejavam estruturar um cinema com mais realidade e substância, engajado à realidade brasileira e adequado à situação social da época<sup>64</sup>.

Acreditava-se que com pouco dinheiro, havia a possibilidade de produzir películas de qualidade e relevância. A frase mais conhecida do movimento “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” exprime bem esses anseios. Com frequência eram feitas imagens em preto e branco, com cenários simplórios e naturais, presença de atores não profissionais e densas falas, que costumavam ser mais longas que o habitual<sup>65</sup>.

O Cinema Novo se desenvolveu e ganhou legitimidade, inclusive no exterior. Mas, ao mesmo tempo, conquistar uma fatia representativa no mercado brasileiro, combater o imperialismo e o colonialismo cultural, se mostrou tão difícil quanto podemos imaginar. Os indivíduos que mais compreenderam a totalidade e a complexidade dessas propostas foram os próprios cineastas e alguns simpatizantes da causa<sup>66</sup>. Além disso, a repressão política, em contexto de Ditadura Civil Militar, contribuiu para que o movimento fosse coibido e

---

61 FERNANDES, Paula Rejane. “América Latina aos olhos de Manoel Bonfim: análise da obra “Males de origem””. *Dimensões*, Espírito Santo, vol. 29, 2012, p.100-118.

62 BONFIM, *op.cit.*, p.190.

63 KROPF, *op.cit.*, p.92.

64 CANTARINO, Carolina. “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça! Era só isso mesmo?” *Cienc. Cult.*, São Paulo, vol.59, n.1, 2007, p.51-51.

65 *Idem*, p.51.

66 *Idem*, *ibidem*.

perdesse força. Ainda assim, o legado do Cinema Novo é inquestionável e pode ser constatado através de seus filmes e das análises que os estudiosos fizeram a respeito do tema<sup>67</sup>.

Engajado nos movimentos políticos das décadas de 1950 e 60, Glauber Rocha se incumbiu de tratar algumas dessas questões no âmbito das artes. Glauber Rocha trabalhou como ator, participou de programas de rádio e televisão, escreveu peças de teatro, *Jango: Uma Tragedya*, livros, *On Cinema e Revisão Crítica do Cinema Brasileiro*, poesias, manuscritos, artigos para jornais, cartas e desenhos. No cinema conquistou maior popularidade e considerava fundamental analisar o subdesenvolvimento e as limitações do Brasil, a fim de superá-los. Glauber Rocha combinava cinema, política e mitologia popular e produziu 18 longa-metragens, 5 média-metragens, 5 curta metragens e 2 diários de viagens<sup>68</sup>.

*Deus e o Diabo na Terra do Sol* foi lançado em 1964, sob o gênero drama e dirigido por Glauber Rocha. O filme é considerado um marco do cinema mundial e foi indicado à palma de ouro, no festival de Cannes. Nessa película, o sertanejo Manoel e a sua mulher Rosa vivem repletos de dificuldades no sertão brasileiro. Ao tentar enriquecer através da partilha de gados, Manoel é lesado pelo coronel da região e acaba o matando. Após esses momentos conflituosos, não resta ao sertanejo uma alternativa que não a fuga. Assim, ele parte com a mulher e se junta ao grupo religioso liderado por Sebastião. A partir desse encontro, uma série de reviravoltas acontecem na história, tornando mais complexo o caminho dos personagens.

Em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, Glauber Rocha retoma as discussões referentes ao sertão para tratar o Brasil dilacerado e a nação brasileira<sup>69</sup>. Ao seguir por esse caminho, o cineasta traz à tona a existência de um país plural, que convivia com circunstâncias diferenciadas. Para o senso comum, o sertão era um lugar distante, desprovido de civilização e à parte da realidade republicana<sup>70</sup>. Conforme Euclides da Cunha e Manoel Bonfim destacaram, Glauber ressalta que se formou uma república marcada pelo preconceito e pela diferenciação entre povos. O historiador Pedro Paulo Gomes pereira analisa que:

*Em Deus e o Diabo na Terra do Sol*, o sertão se constitui, simultaneamente, naquilo que identifica o sertão diante de seus outros, e num outro da nação. As alegorias do filme, elaboradas no epicentro dessas relações de alteridade se distanciam das alegorias pedagógicas e previsíveis, e nos apresentam um sertão dilacerado, inscrevendo na história da nação outros momentos, outras histórias em que personagens ambíguos, à margem, inseguros e em constante travessia assinalam a violência contida na idéia de um tempo no qual o sertão ora deveria ser vencido pela civilização, ora seria petrificado como arcaico idealizado<sup>71</sup>.

Todavia, apesar da miserabilidade, da seca, da fome e das demais desigualdades que deveriam ser superadas, o sertão, de Euclides à Glauber, despontava como símbolo da identidade nacional e ícone máximo da brasilidade<sup>72</sup>. Assim, Glauber Rocha constrói o cenário referente a esse contexto. O cineasta faz uso de uma série de simbolismos, que formam elementos entre o real e o fictício. Estão presentes os cangaceiros, os coronéis, Euclides da Cunha, Lampião, Antônio Conselheiro e o misticismo religioso<sup>73</sup>. Novamente, Pedro Paulo Gomes Pereira sublinha que:

67 *Idem, ibidem.*

68 *Idem, ibidem.*

69 PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. "O sertão dilacerado: outras histórias de Deus e o diabo na terra do sol", *Revista Lua Nova*, São Paulo: vol. 74, 2008, p.11-34.

70 LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. RJ: REVAN, IUPERJ, UCAM, 1999, p.58.

71 PEREIRA, *op.cit.*, p.12.

72 LIMA, *op.cit.*, p.58.

73 PREREIRA, *op.cit.*, p.25.

---

---

*Deus e Diabo* evoca Canudos, Juazeiro e Padre Cícero, Virgulino Lampião, Corisco, Caldeirão, Sebastião e o sebastianismo, interpretando lugares, personagens e situações importantes da história do Brasil. A evocação dá-se por meio de metáforas. Quando Santo Sebastião aparece na tela, apresenta-se a relação de semelhança e diferença com Antonio Conselheiro, Beato Lourenço do Caldeirão e vários outros líderes messiânicos<sup>74</sup>.

Glauber Rocha pretendia despertar o povo brasileiro à necessidade de mudanças, que só ocorreriam após um longo processo de lutas<sup>75</sup>. Nesse contexto, o final do filme relaciona-se a essa questão. Com um fim em aberto, existem múltiplas possibilidades de interpretação. Glauber Rocha mostra, finalmente, a chegada de Manoel e Rosa ao litoral, no entanto, ela tropeça enquanto Manoel segue correndo. Manoel não pode parar, o litoral é o caminho, o fim da miséria e não pode ser interrompido<sup>76</sup>.

Curiosamente, Luiz Carlos Maciel, jornalista e amigo de Glauber Rocha, conta em seu livro *Geração e Transe*, uma história diferente sobre o final do filme.

A grana era tão curta que, no final das filmagens, simplesmente não havia mais película virgem. Só havia o suficiente para filmar uma vez o último plano, que era Manuel e Rosa correndo, após escapar da morte no cangaço. No roteiro, os dois correm, correm muito, até alcançarem o mar. Na hora da filmagem, no entanto, Yonã tropeçou numa pedra e caiu. Glauber não hesitou: — Continua correndo, Geraldo! Continua filmando, Valdemar!<sup>77</sup>

Em 1965, Glauber Rocha teve os seus filmes censurados pelos militares, o seu apartamento foi invadido e o cineasta acabou preso e exilado, junto de outros intelectuais. Na Europa, teve passagens por Portugal, Espanha e Itália. Estudou na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, realizou filmagens na África. Na década de 1970, conheceu centros comunistas pelo mundo, como Moscou, Cuba e Uruguai. Glauber Rocha acreditava no potencial revolucionário do Brasil e na possibilidade de conquistá-lo pelas vias artísticas. Para Glauber, o cinema estava associado à política, à força da libertação e ao espaço de condenação das ditaduras do Brasil e América - Latina<sup>78</sup>.

## Conclusão

Em suma, é possível perceber que os assuntos tratados por Manoel Bonfim e Euclides da Cunha ganharam força com o passar dos anos. São questões que permanecem atuais, de modo que tomaram novas proporções e pontos-de-vista, angariando conhecimento às análises desses intelectuais. Euclides e Bonfim foram homens do seu tempo, figuras dissonantes, abertos a concessões, ou não, os dois tocaram em assuntos polêmicos, que adquiriram nova roupagem ao serem considerados por eles. Assim, construíram novos caminhos, carreiras densas e obras com personalidade.

Dessa forma, os debates não saíram de pauta e se tornaram centrais às novas

---

<sup>74</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>75</sup> OLIVEIRA, William. PAVÃO, Eduardo. "Arte e política no cinema de Glauber Rocha: uma análise do filme *Deus e o Diabo na terra do sol*", *Revista tempos históricos*, Paraná, vol. 15, n. 1, 2011, p. 191-202.

<sup>76</sup> *Idem*, p.201.

<sup>77</sup> MACIEL, Luiz Carlos. *Geração em Transe: Memórias do Tempo do Tropicalismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p.96.

<sup>78</sup> CANTARINO, *op.cit.*, p.51.

discussões. Glauber Rocha estruturou a própria linguagem cinematográfica e em *Deus e o diabo na terra do sol* mostrou que a miscigenação, os problemas do sertão e o modelo de república construído continuavam problemáticos e abertos às críticas. Apesar das dificuldades, a análise da intelectualidade é imprescindível. Esse estudo além de abrir a um leque de discussões, é de grande acréscimo à historiografia brasileira e não deve ser deixado de lado.